

GÊNERO DEBATE EM SALA DE AULA: A HOMOSSEXUALIDADE EM QUESTÃO

SOUSA, Fabrício (UFCG)

RODRIGUES, Márcia (Orientadora/UFCG)

RESUMO

O presente trabalho descreve a didatização do gênero oral “debate” em sequências didáticas (SD) de língua portuguesa com o objetivo de contribuir para que os alunos tenham uma maior proximidade e afinidade com o gênero, identificando suas características principalmente, posicionando-se a respeito do tema “homossexualidade”. Nesse sentido, foi objetivo da SD que os alunos participassem de um debate e discutissem a respeito da importância do tema “Homossexualidade no contexto escolar” e que exercitassem a prática do debate por meio da leitura de textos de gêneros diversos e construção de argumentos. O trabalho foi desenvolvido através do subprojeto PIBID/Letras - UFCG (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) em uma turma de 8º ano de uma escola pública na cidade de Campina Grande- PB. Para tanto, discutimos as contribuições didáticas deste procedimento à luz de Schneuwly e Dolz (1998, 2004, 2014), Gonçalves (2009), Marcuschi e Dionisio (2007), Facco (2009), Vencato (2014), Fernandes (2015). Diante do trabalho desenvolvido, podemos verificar que a temática da homossexualidade é pouco debatida no espaço escolar e que através do gênero oral “debate” didatizamos a circulação da temática, bem como mobilizamos os saberes, contribuindo para instigar os alunos a melhorarem a desenvoltura no que diz respeito a saber argumentar e a se posicionar em torno de temática proposta. Desse modo, contribuimos para o desenvolvimento da capacidade de expressão oral dos alunos de forma organizada, clara e coerente, o que revela que eles compreenderam o gênero debate como ação comunicativa, que exige uma argumentação consistente.

Palavras-chave: Homossexualismo. Sequência Didática. Debate, Escola.

1. Introdução

A temática da homossexualidade ainda é um tabu no ambiente escolar. A escola ainda não está preparada para lidar com as diferenças, são inúmeros casos de preconceitos que vivenciamos diariamente em nosso cotidiano, seja dentro ou fora da escola.

É necessário dar a devida importância a questão, combater o silenciamento do estudo de gênero e da sexualidade na escola. Está cada vez mais frequente a intolerância e discriminação no meio escolar, não se tem uma educação de respeito e tolerância, e a escola tem pouco contribuído com tal questão.

O presente trabalho descreve a didatização do gênero oral “debate” em sequência didática (SD) de língua portuguesa com o objetivo de contribuir para que os alunos tenham uma maior proximidade e afinidade com o gênero, identificando suas características e principalmente, posicionando-se a respeito do tema “homossexualidade”.

Nesse sentido, os alunos participaram de um debate e discutiram a respeito da importância do tema Homossexualidade, bem como exercitaram a prática do debate por meio da leitura de textos de gêneros diversos e construção de argumentos.

O trabalho foi desenvolvido através do subprojeto PIBID/Letras - UFCG (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) em uma turma de 8º ano de uma escola pública na cidade de Campina Grande- PB. Para tanto, discutimos as contribuições didáticas deste procedimento à luz de Schneuwly e Dolz (1998, 2004, 2014), Gonçalves (2009), Marcuschi e Dionisio (2007), Facco (2009), Vencato (2014), Fernandes (2015).

2. O gênero debate em sala de aula

O trabalho com os gêneros orais, sobretudo o ensino da oralidade em sala de aula, advém de grandes discussões, nas quais se estabelecem certas resistências ao trabalhar com a oralidade, por muitos considerarem a escrita como um documento mais importante no âmbito escolar. Porém também existem vários argumentos em prol o ensino da oralidade em sala de aula, como nos mostra Gonçalves (2009)

Em relação aos gêneros orais, destacamos que são diversos os argumentos em prol o ensino da oralidade: a competitividade do mercado de trabalho exige das pessoas maior facilidade de se comunicar, não só por meio da escrita, mas também na modalidade oral; muitos alunos têm dificuldades de escrever porque consideram a produção escrita idêntica à produção oral, entre outros. (GONÇALVES, 2009, p.33)

A importância da oralidade no contexto das práticas sociais funde-se na civilização contemporânea, conseqüentemente, é notório a percepção e utilidade do meio oral na vida diária. É indispensável o uso oral, pois é através dela que nos comunicamos, seja para conseguir emprego, seja para ministrar palestras, seja qual for a situação comunicativa sempre haverá necessidade da oralidade.

A oralidade e escrita estão interligadas e são imprescindíveis para cada contexto de uso, o que não se pode confundir são os seus papéis e funcionalidades, porém nunca discriminar seus usuários por tal uso. Segundo Marcuschi e Dionisio (2007)

[...] não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita. Também não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares. Em suma, oralidade e escrita

não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade. (p. 15)

O gênero oral *debate* é permeado por argumentos em uma dada situação comunicativa, no qual os indivíduos expressam valores e regras sociais que orientam seu comportamento e as tomadas de posição, sendo assim, envolvendo objetivos específicos, buscando informações sobre determinado tema, por meio de um projeto.

É necessário que haja entendimento sobre os *domínios discursivos*, quando um gênero circula por mais de um domínio discursivo, para então fazer com que os alunos identifiquem as diferenças nas suas formas de funcionalidade. Cavalcante e Melo (2007, p. 91) nos mostra um exemplo de diálogo entre domínios discursivos sobre o debate:

Por exemplo, o debate na sala de aula e o debate televisivo, em que se aproximam e em que se distanciam? Têm o mesmo propósito comunicativo? Linguisticamente se configuram da mesma maneira? Outra questão interessante é perceber a exclusividade de alguns gêneros em determinados domínios. Por exemplo, a novela faz parte do domínio midiático, mas não do escolar, já o debate encontra-se nos dois domínios. O diálogo entre domínios discursivos diversos possibilita um trabalho rico com os textos, tornando-os eventos comunicativos, como práticas efetivas de uso da língua, e não meros exemplos modelares a serem identificados e repetidos em sala de aula.

A prática efetiva do uso da língua possibilita ao debate, ser visto como um instrumento para se trabalhar as capacidades argumentativas, para fazer com que os alunos defendam oralmente um ponto de vista, uma escolha ou um procedimento de descoberta como afirma (Schneuwly e Dolz, 1998). O objetivo do gênero oral debate é encontrar, através do raciocínio coletivo, soluções aceitáveis para problemas colocados em discussão.

O trabalho com a oralidade por meio do debate se faz necessário e mobilizador de saber, pois o gênero nos possibilita através de uma temática desenvolver as capacidades argumentativas dos alunos, bem como um olhar crítico ao que será

dialogado em sala de aula. O professor é o mediador do trabalho, pois o aluno precisa ser orientado sobre os contextos sociais de uso do debate, para que haja uma familiarização com o gênero.

3. A temática da homossexualidade na escola

O ambiente escolar é um lugar onde se faz necessário a discussão de uma gama de assuntos, dos mais variados segmentos e das mais variadas discussões, porém sabemos que ainda existem os assuntos considerados “tabus” para uma inserção de debate na escola. A homossexualidade é um dos mais difíceis assuntos a ser discutido no ambiente escolar, sobretudo por não envolver apenas questões de sexualidade, dessa forma, o assunto sofre um silenciamento na classe escolar e uma propagação da discriminação.

Todavia é necessário ressaltar, segundo Facco (2009, p. 19):

Se a sociedade é constituída por uma diversidade de culturas, crenças, etnias, estilos de vida, entre outras variadas características, a escola, por ser a representação de um microuniverso social, vai reproduzir todas as relações sociais, inclusive as práticas sociais de discriminação, em suas salas de aula, pátios, corredores, banheiros, enfim, em todos os espaços por onde circulam estudantes, funcionários em geral e professores.

A variação da cultura faz com que haja diversos estilos de vida, cada qual com suas características e similaridades, conseqüentemente, a explosão cultural está presente em cada espaço da escola, toda reprodução social ideológica está refletida em discursos e práticas. O discurso da escola perpassa em torno da solidariedade, igualdade e respeito às diferenças, porém essa abordagem por muitas vezes é falha mediante às adversidades encontradas no meio escolar.

Apesar da escola possuir uma resistência em abordar temáticas tratadas como problemáticas, é de suma importância o trabalho com a sexualidade, adentrando nas

mais diferentes dimensões do ser humano que retrata gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. A escola possui um papel de tornar seus alunos em seres pensantes, que entendam a realidade que os cerca, é necessário saber lidar com as diferenças que de certa forma acabam culminando no âmbito escolar. As contribuições de Vencato (2014, p.23) diz que

Na escola, os conflitos resultantes dos diferentes comportamentos, valores e modo de vida tornam-se muito evidentes, até mesmo em razão desta tradição secular de que é uma instituição que deveria ensinar valores universais- ou, a cultura num sentido nada antropológico do termo. A instituição escola, ao cabo, tem dificuldade de lidar com as diferenças porque há uma contradição interna que se explicita na forma com ela foi criada e permanece até os dias atuais: não é fácil que uma instituição criada para padronizar e dar unidade a indivíduos por vezes muito diferentes se torne democrática e aberta às diferenças. (p. 23)

A temática da homossexualidade na escola possui um alto índice de preconceito e discriminação, que apesar de vários avanços ainda está enraizado no discurso da heterossexualidade por respaldo da cultura, mas a escola deve contribuir como ferramenta de formação para a construção de conhecimento do indivíduo.

Existe inúmeros preconceitos contra a homossexualidade que são provenientes da própria sociedade, são várias formas de opressões que são formuladas quando o indivíduo identifica-se com uma orientação sexual e com uma identidade de gênero de forma não padrão. De acordo com Fernandes (2015, p. 19)

Entendemos por *identidade de gênero* o conjunto de traços construídos na esfera social e cultural que definem, conseqüentemente, quais os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de vestir, falar e agir, para homens e mulheres. As identidades de gênero, tradicionalmente e, às vezes, de modo equivocado, tendem a estar ligado ao sexo biológico do sujeito. E por *orientação sexual* a maneira como o indivíduo direciona o seu desejo sexual, se para sujeitos do mesmo sexo, do sexo oposto ou ambos.

O preconceito ocorre quando o sujeito assume seus gestos, comportamentos, atitudes, modos de vestir, falar, agir, que são diferentemente e opostos ao padrão que a sociedade exige, corrobora a discriminação de gênero, mediante uma cultura patriarcal. Na escola essas relações de discriminação gera inúmeros casos de repressão tal como é na esfera social, pois na maioria das vezes os sujeitos passam maior parte do seu tempo na escola.

Segundo a coordenadora geral de Direitos Humanos do MEC (Ministério da Educação), Rosiléa Wille, avalia que a escola não sabe lidar com as diferenças: “ você tem que estar dentro de um padrão de normalidade e, quando o aluno foge disso não é bem compreendido naquele espaço”. O aluno que sofre preconceito é estigmatizado por ser diferente, então ele começa a perceber que, em geral, a sociedade não o aceita integralmente e nem “ normalmente” há uma inferioridade ao se tratar do indivíduo homoafetivo. O indivíduo estigmatizado toma para si determinados modelos indenitários, tal como nos diz. Assim, ele tem dificuldade/resistência em se identificar com outros sujeitos possuidores do mesmo estigma, e a tendência é de que ele os classifique (assim como os “normais” fazem com ele) de acordo com a visibilidade dos estigmas e o comportamento que desenvolvem em relação a esses traços. Vecanto (2014, p.16)

A discriminação e o preconceito na escola são reflexos do que se vive na sociedade, a instituição resiste aos novos tempos, às novas reflexões que são discutidas por muitas vezes são silenciadas pela escola. O conjunto escolar não sabe lidar com as diferenças e não formam cidadãos reflexivos, mas conglomeram com o papel do preconceito, a educação recebida na escola aparenta possuir um viés de discriminação e não de inclusão.

4. Sequência didática

Para execução da nossa proposta, exploramos o modelo de sequência didática proposta por Schneuwly & Dolz (2004), preparamos 14 aulas divididas em 4 módulos,

com o intuito de configurar o conjunto de atividades com o gênero oral debate. O público alvo foram alunos do 8º ano do ensino fundamental da escola Nossa Senhora do Rosário, que é beneficiada com o subprojeto PIBID/LETRAS/UFCG. O objetivo da (SD) foi produzir o gênero oral debate com a temática da homossexualidade, sendo assim didatizando a circulação do gênero e da temática.

No primeiro momento, na apresentação da situação, utilizamos duas aulas para trabalharmos com o paratexto King e King das autoras americanas Linda de Haan e Stern Nijland (2002). O livro possibilita que através de um conto de fadas, os alunos percebam o quanto pode ser comum um menino se apaixonar por outro menino; em suma, a obra conta a história de um príncipe encantado que nega-se namorar com todas princesas do seu reino, e casa-se com um príncipe encantado de outro reino.

Apresentamos a história apenas com as imagens não-verbais do livro, fazendo com os alunos fossem identificando o enredo do conto de fadas e fossem tirando suas próprias conclusões a respeito da obra. Até o desfecho da história o enredo não fornece pistas que será um conto de fadas com personagens homoafetivos, o que criou uma curiosidade para saber quem era o/a pretendente do príncipe. Ao final do conto de fadas as opiniões e comentários foram as mais variadas possíveis, mas cerca de 90% dos alunos não concordaram com o final da história.

No segundo momento, utilizamos quatro aulas, para trabalharmos com um longa-metragem intitulado Hoje eu Quero Voltar Sozinho (2014), dirigido por Daniel Ribeiro. O filme conta a história de um adolescente cego, que tenta lidar com sua mãe super protetora ao mesmo tempo em que busca sua independência. Quando outro menino chamado Gabriel chega na cidade, novos sentimentos começam a surgir em Leonardo, fazendo com que ele descubra mais sobre si mesmo e sua sexualidade. O filme traz a tona a temática do Bullying e da Homossexualidade, que foi nosso foco principal.

Após a exibição do filme houve um momento para um debate sobre o filme, os alunos se apropriaram de argumentos para defender suas opiniões das mais diversas formas possíveis, a sala de aula serviu para observarmos o grau de conhecimento a

respeito da homossexualidade e como é percebida pelos alunos. Ao percebermos grande disparidade de comentários com bons argumentos, solicitamos que os alunos escrevessem suas opiniões a respeito do filme, que depois poderíamos usar como objeto de estudo. Selecionamos 5 comentários para debatermos posteriormente em sala de aula:

1. “Acredito que o filme possa ter feito com que algumas pessoas vissem a naturalidade com que os sentimentos nascem, é normal, não existe aberração nisso.”
2. “Em relação ao filme eu gostei, pois retrata duas temáticas: O bullying e a homossexualidade, assim mostrando coisas que muitas pessoas já devem ter passado, como por exemplo: ser alvo de gozação, de brincadeiras chatas e humilhação.”
3. “O filme apresentado em sala de aula foi muito positivo pois tivemos a oportunidade de debater sobre a homossexualidade. Não podemos julgar os outros pois no coração ninguém manda.”
4. “Eu achei que o filme “ Hoje eu quero voltar sozinho” foi bem estranho porque quase nunca presencio dois homossexuais juntos e ainda se beijando. Para mim todos devem assistir o filme para enxergarem a realidade e diminuirmos o preconceito contra a homossexualidade.”
5. “Eu não gostei do filme, sou contra a homossexualidade porque Deus nos criou e deixou o homem para a mulher e a mulher para o homem.”

No terceiro momento, separamos quatro aulas, e levantamos os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que é um debate, como ele se estrutura, qual a sua finalidade, como ele acontece e se os alunos já participaram de algum tipo de debate. A maioria da turma não tinha tido nenhuma experiência com o gênero na escola, sendo assim, orientamos sobre o contexto social do gênero debate, bem como suas características textuais de composição, estilo e estrutura.

Organizamos o debate e dividimos os grupos (contra e a favor), como também estabelecemos as regras coletivamente, para que todos entendessem a funcionalidade do debate. Solicitamos que os grupos estudassem sobre a homossexualidade e formulassem os argumentos para o debate, salientando a necessidade do fundamento contra e a favor. Nessa etapa os alunos desenvolveram a escrita argumentativa, que anteriormente já tinha sido trabalhado em sala de aula, mas não em torna da temática em questão.

No quarto momento utilizamos duas aulas, que foram dedicadas a apresentação debate, os alunos já tinham formulado os argumentos necessários para o desenvolvimento do debate. Sendo assim, separamos a sala por meio das cadeiras, um lado ficaram os alunos a favor da homossexualidade e do outro lado os alunos que se posicionaram contra. O debate teve oito rodadas de perguntas com respostas, réplicas e tréplicas.



Figura 1: alunos durante o debate¹



Figura 2: alunos durante o debate²

No final da sequência didática preparamos alguns cartazes e colocamos os principais argumentos dos alunos, contras e a favor da homossexualidade. Fizemos uma exposição no mural da escola, para que toda a classe escolar tivesse acesso e também debatesse de forma informal sobre o assunto. Os alunos acompanharam a exposição e identificaram seus próprios argumentos, o interessante foi ouvir que alguns dos alunos mudaram de opinião depois do debata em sala de aula.

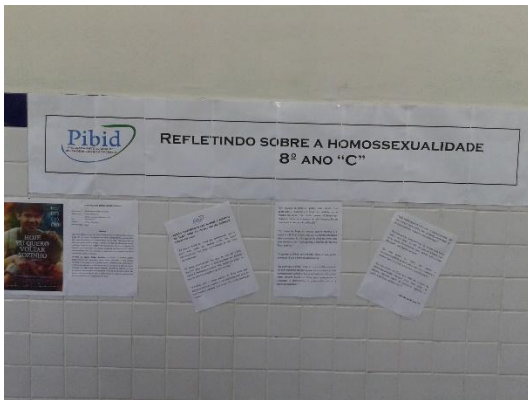


Figura 3: exposição no mural da escola

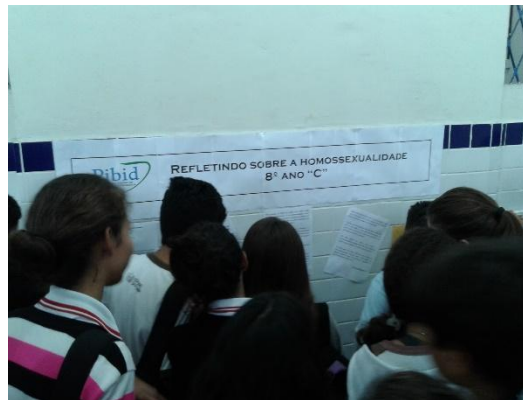


Figura 4: alunos lendo os argumentos.

5. Considerações finais

O gênero oral debate põe à prova as capacidades argumentativas dos alunos. Ao trabalharmos com a oralidade em sala de aula, percebemos o vários discursos dos alunos a respeito da temática, as opiniões e os vários argumentos puseram em prova todo conhecimento adquirido de um tema tão polêmico que é a homossexualidade.

Houve uma combinação do gênero oral debate com a temática, pois a homossexualidade propõe várias discussões, sendo então um tema bastante polemico e do cotidiano dos alunos. Através do debate os alunos puderam se expressar da melhor forma possível, bem como refletir sobre o tema, sendo assim, a oralidade se fez presente de forma positiva nas discussões.

O tema propiciou posicionamentos inflamados, permitiu aos debatedores um aprofundamento dos conhecimentos que detêm sobre ele. Foi um momento em que os alunos tiveram voz em sala de aula, a interação social foi um ponto bastante positivo. Os alunos demonstram habilidades (argumentos) para controlar as operações de linguagem nos diferentes níveis, especialmente da perspectiva enunciativa em relação ao que foi dito.

Durante a aplicação da sequência didática percebemos por grande parte dos alunos e de alguns professores a resistência da temática da homossexualidade na

escola. Tivemos muitos desafios ao levarmos o tema para que os alunos se apropriassem e debatessem de forma passional, porém tivemos o reconhecimento dos alunos, pois por meio de um diagnóstico avaliaram de forma positiva a abordagem da homossexualidade em sala de aula.

Desse modo, contribuímos para o desenvolvimento da capacidade de expressão oral dos alunos de forma organizada, clara e coerente, o que revela que os alunos compreenderam o gênero debate como ação comunicativa, que exige uma argumentação consistente.

Em suma, percebe-se que o PIBID contribui efetivamente com o saber do alunado, pois além de haver um maior acompanhamento estudantil durante a presença do projeto, também contribui para que haja uma mobilização de saberes e criticidade da mente dos alunos atendidos pelo projeto.

Referências

- CARMI Ferraz Santos, MENDONÇA, márcia, CAVALCANTI, Marianne C.B . *Diversidade textual : os gêneros na sala de aula*. 1.ed., 1. reimp. — Belo Horizonte : Autêntica , 2007.
- FACCO, Lúcia. *Era uma vez um casal diferente: a temática da homossexualidade na educação literária infanto-juvenil*. São Paulo: Summus, 2009.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*. 1° ed. São Paulo: Scortecci, 2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio e DIONISIO, Angela Paiva. *Fala e escrita*. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.